

DA AMEAÇA A ESPERANÇA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS SOBRE A PRIMEIRA MÃE DE SANTO DO MUNICÍPIO DE PORTO VELHO.

Mara Genecy Centeno Nogueiraⁱ

Nábila Raiana Magno Pimentelⁱⁱ

RESUM. O presente artigo visa apresentar através de relatos orais e documentos escritos as memórias e as histórias acerca da primeira mãe de santo do município de Porto Velho – Dona Esperança Rita da Silva. Tomar contato com o imaginário que cerca as narrativas sobre D. Esperança é fazer uma viagem ao passado, perceber simpatias e aversões, tomar contato com as crenças e preconceitos que emergiram de tal pesquisa. Outra importante contribuição dos estudos acerca de Dona Esperança é perceber a marcante presença feminina nos estudos afro religiosos em Porto Velho, uma vez que a presença das questões relativas à gênero são esquecidas dos nossos estudos de História Regional. Destaca-se também a importância da temática para a compreensão de um período da história do município de Porto Velho na primeira metade do século XX, uma vez que falar de D. Esperança é contribuir para o resgate da memória do bairro Mocambo, de seus moradores e dos conflitos existentes no início da formação do espaço social do referido município, além de trazer à luz da historiografia local a trajetória do Terreiro de Santa Bárbara como sendo o primeiro espaço da prática da cultura afro-brasileira em Porto Velho. Assim, a partir desta visão, Dona Esperança Rita não é apenas uma (indivíduo), mas representa toda uma cultura (coletivo/afrodescendente) que se insere naquilo que chamamos aqui de cultura regional.

PALAVRAS CHAVE: MEMÓRIA. HISTÓRIA. MÃE-DE-SANTO.

ABSTRACT. This paper aims at presenting oral reports and written memories and stories about the first mother of Saint in the city of Porto Velho – Mrs. Esperança Rita da Silva. Be close with the imagery that surrounds Mrs. Esperança's narrative is making journey into the past, to understand likes and dislikes, make with the beliefs

and prejudices that emerged from such research. Another important contribution of the studies about Mrs. Esperança is to realize the remarkable presence of women in studies about the African religions in Porto Velho, taking in consideration that the presence of gender issues are forgotten in our studies about Regional History. It's also stuck out the importance of the topic for the understanding of a period in the history Porto Velho in the first half of the twentieth century, Approaching Mrs Esperança is a way to contribute to rescue the history of the neighborhood Mocambo, its residents and conflicts existing in the early formation of the social space of the municipality, besides spotlighting the trajectory of local history of the Shrine of Santa Bárbara as being African-Brazilian culture in Porto Velho. Thus, regarding all that, Mrs. Esperança is not just one (average citizen), she is the symbol of an entire culture (collective/African descent) that comes in the so called regional culture.

KEYWORDS: MEMORY. HISTORY. MOTHER OS SAINTS.

INTRODUÇÃO

O fazer do historiador há muito tempo vem se modificando uma vez que passou a acolher uma multiplicidade de temáticas que antes não eram absorvidas e nem estudadas. Para trabalhar com novos elementos como a morte, a velhice, a sexualidade dentre outros, novas fontes de pesquisas foram apresentadas e nesse sentido uma delas foi a utilização da memória. Para explorar tal fonte apropriou-se da história dos excluídos, dos marginalizados e de todos os que foram segregados da historiografia oficial e para isso passou a utilizar a história oral como metodologia para recompor a história de vida de muitos desses personagens esquecidos e de suma importância para o entendimento e compreensão de nossa história e para composição de lacunas deixadas pela oficialidade da História.

“...as histórias orais ocupam o primeiro plano no conjunto mais amplo de estudos inovadores sobre história social e cultural que tiveram profundo impacto revisionista sobre os conceitos de processo e explicação históricos, mesmo em áreas tradicionais como a da história diplomática e política. O que motivou esses estudos foram as novas metodologias fundamentadas no esforço de recuperar a experiência e os pontos de vistas daqueles que normalmente permaneceram invisíveis na documentação histórica

convencional e de considerar seriamente essas fontes como evidência” (FERREIRA e AMADO, 1996,75).

Trabalhar com a história oral é trazer a tona, além de uma carga emotiva, lembranças armazenadas e esquecidas na memória individual ou coletiva. É fazer emergir, como nos diz Le Goff (2003, p. 420) ao se referir ao estudo de Changeux, “uma mecânica de vestígios mnemônicos que foram abandonados”, é se apropriar de dados guardados e selecionados pelo entrevistado. A memória individual ao contrário da coletiva, afirma Le Goff (2003) é recheada de elementos que de forma inconsciente ou consciente são manipuladas pela afetividade, pelo desejo, pela inibição e pela censura que a memória individual impõe. A memória coletiva, ao contrário, trabalha com o jogo do poder como podemos observar:

“Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF, 2003, 422)

Deve-se aqui lembrar que o campo da memória é sempre seletivo e no momento em que nos deparamos com o entrevistado e esse com a sua narrativa a seleção dos relatos se torna naturalmente evidenciada.

Nesse sentido trabalhar com a história de vida de D. Esperança através da memória presente nos relatos orais de parentes e da memória contida em documentos elaborados por pesquisadores não podemos desconsiderar que nos deparamos com o exercício da manipulação da memória oral ou escrita e/ou individual ou coletiva.

D. Esperança dentro da memória coletiva pode ser vista fazendo parte da história de Porto Velho uma vez que mencionar seu nome é o mesmo que retornar ao início da formação da sociedade portovelhense. Ela encontra-se presente na memória de antigos moradores de forma positiva, e esquecida por outros de forma intencional.

Constata-se ao desenvolver um trabalho sobre a primeira mãe de santo do município de Porto Velho que ela e toda a memória que a cerca está relacionada a um tempo de uma sociedade ainda em formação. Sua trajetória de vida se encontra presente apenas na memória de antigos moradores que a adoravam ou a temia. E por se tratar de uma mulher negra, analfabeta, pobre e macumbeira todo o

imaginário construído sobre ela nos conduz a lugares cercados de misticismo. Será justamente nesses lugares que conduziremos a pesquisa.

O TERREIRO DE SANTA BÁRBARA NO CENÁRIO DOS CATEGAS

O Terreiro de Santa Bárbara foi fundado em 1917 e é considerado como sendo o primeiro espaço a desenvolver os rituais afro-brasileiros no município de Porto Velho.

Como nos diz Lima (2001, 121):

“O Recreio de Yemanjá, que se tornou mais conhecido como Barracão de Santa Bárbara, é conhecido como primeiro terreiro fundado na cidade de Porto Velho e, também, do Estado de Rondônia. Constitui-se, portanto, como o espaço no qual parece ter ocorrido as primeiras expressões religiosas afro-brasileiras nessa cidade. Nesse local, cultivaram-se as práticas religiosas do tronco fon-yoruba, das nações nina-nagô, que vieram a se ramificar, nas décadas de 1950-60, com a fundação de outros terreiros por membros do Barracão e Irmandade de Santa Bárbara”.

O Terreiro de Santa Bárbara na memória de moradores antigos de Porto Velho é colocado em um cenário de ajuda, de descontração e de perseguições. A ajuda situa-se no plano espiritual, uma vez que as pessoas doentes, sobretudo, os pobres buscavam nos trabalhos desenvolvidos no terreiro a cura para os seus males, tendo em vista que o hospital existente era o da Candelária e esse só atendia aos trabalhadores da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Um dos motivos que levavam as pessoas a procurar ajuda em Dona Esperança era devido aos seus poderes/conhecimentos curativos. Dentro do universo religioso da qual fazia parte (*Terecô – Mina-nagô*) práticas como a pajelançaⁱⁱⁱ eram bem desenvolvidas por seus aspetos. Portanto, este atributo contribui ainda mais para a popularidade de Dona Esperança, uma vez que as condições sanitárias em Porto Velho, no início do século XX, eram precárias e a higienização era privilégio de poucos.

O Santa Bárbara fez surgir em seu entorno um bairro, existente até hoje no município de Porto Velho, denominado de Mocambo e para entendermos um pouco sobre os momentos de descontração gerado pelo referido terreiro temos que fazer referências ao bairro e a vertente de dualidade atribuída a ele e ao nascimento da cidade. Aqui é importante explicar que a cidade de Porto Velho nasce dividida entre o espaço privado, ordenado, funcional e moderno, pertencente a Estrada de Ferro

Madeira-Mamoré o espaço público transgressor e não funcional aos olhos dos administradores da ferrovia.

A Porto Velho moderna e funcional tem seu nascimento assinalado com a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, marco do projeto de modernização em plena selva Amazônica, quando os engenheiros enviados por Percival Farquar resolvem abandonar a Vila de Santo Antônio e descer a via férrea sete quilômetros e instalar a sede da ferrovia no espaço que ficou denominado de Porto Velho. Tal espaço surgiu mantendo as tradições das cidades projetadas na Europa do século XIX, ou seja, seguindo os três pilares de modernização que eram: a higienização, o embelezamento e a racionalização. Uma nova relação espacial emerge nessas paragens amazônicas com a definição e demarcações de espaço público e privado, além de efetivar normas disciplinares com funções de ordenar, regular e punir.

Porém, as características acima descritas são atribuídas somente a parte privada da cidade e ao universo dos Categas^{iv} constituído de um espaço moderno, funcional, ordenado e focado em todo um aporte de visibilidade por parte de seus administradores que vislumbravam a cada dia aumentar o número de investidores ao projeto da ferrovia. Os demais recantos da cidade, como é o caso do bairro Mocambo, recebeu a marca da invisibilidade, uma vez que correspondia ao espaço dos Mundiças^v que quebravam com seus hábitos, costumes, organização e transgredias toda a marcação de ordenamento e funcionabilidade que o capital tentava impor e que colocava à margem a maior parte da população local.

Barros (2007, 23) salienta que “o uso diferenciado da cidade demonstra que esse espaço se constrói e se reproduz de forma desigual e contraditória. A desigualdade espacial é fruto da desigualdade social”.

Nogueira (2008) ressalta que se pode verificar que o ordenamento proposto à urbe não se aplica a toda ela. A cidade de Porto Velho já nasceu dupla, isto é, trazendo como marca principal o antagonismo social e espacial. Ao nascer, já demonstrava, aos seus mais atentos atores sociais, que o discurso de moderna e funcional se decompunha, na prática, nos bairros pobres e miseráveis que se formavam, na primeira metade do século XX. Um dos bairros mais antigos, que surgiu no início do século passado, é o que ficou denominado de Mocambo. O Mocambo pode ser associado à fase do Brasil Colônia, onde se têm as suas primeiras formações como nos lembra Freire (1968, p.53): “enquanto as senzalas

diminuíam de tamanho, engrossavam as aldeias de mucambos e de palhoças, perto dos sobrados e das chácaras. Engrossavam, espalhando-se pelas zonas mais desprezadas das cidades”.

O bairro surgiu sob o signo da segregação espacial e social. Seus moradores garantiam a tônica do lugar que contrastava com os habitantes estrangeiros, na maior parte, da outra Porto Velho. Os tipos que habitavam o Mocambo eram segundo Nogueira (2008, 46) composto:

“... Pela mãe de santo que liderava o bairro, pelas filhas de santo, pelos lutadores de capoeiras, pelos seringueiros, que não se adaptam ao trabalho nos seringais e se refugiam no bairro, pelas prostitutas, pelos seus bares e pensões, que atraem o lado boêmio da sociedade em construção. O Mocambo carregava, em seu nascimento, aos olhos dos administradores da ferrovia, a idéia de uma nova Vila de Santo Antônio, pelo seu grau de desordenamento e transgressões. Por isso, deveria se tornar (in) visível aos olhos da Porto Velho moderna, saneada e ordenada. Talvez, por isso, mesmo estando nas proximidades do centro, já nasceu periférico, e tal marca ainda é concebida ao referido bairro até os dias de hoje”.

Tais fatores ajudam a explicar os momentos de descontração que o bairro garantia nas datas de festejos aos santos no Terreiro de Santa Bárbara e também pelos bares e prostitutas que garantiam aos boêmios e aos trabalhadores da outra Porto Velho diversão garantida.

O bairro carrega também na lembrança de seus antigos moradores a marca da perseguição tendo em vista que nem todos os moradores eram ‘simpatizantes’ do terreiro de Santa Bárbara.

Zékatraca em entrevista, ao senhor Raimundo Marinho Feitosa motorista da caravana Ford, publicada no site Página Pública de 08 de setembro de 2008 apresenta uma das perseguições que se abateu ao referido terreiro.

Seu Raimundo relata que um tenente de nome Fernando da Segunda Cia Rodoviária do Exército que ficava em São Pedro, localidade após o Candeias, foi em um final de semana com uns dez soldados ao referido terreiro e começaram a desrespeitar o ambiente e implementaram a tentativa de tocar fogo no barracão que só não foi destruído porque havia chovido e a palha da cobertura estava molhada. Em consequência de tal ação o Tenente Fernando desapareceu na mata durante a fase trabalho de trecho da estrada que estavam abrindo na localidade da Cia a qual ele pertencia. Segundo seu Raimundo os seres encantados agiram a favor do terreiro e providenciaram o seu desaparecimento.

Essa composição deu ao Terreiro de Santa Bárbara inúmeras histórias que permeiam até os dias de hoje o imaginário dos antigos moradores de Porto Velho. Terreiro de suma importância para o entendimento da cidade. É em seu entorno que nasceu o bairro estigmatizado, transgressor, boêmio e temido. Assim, se fez o Mocambo e o terreiro de Santa Bárbara, ambos liderados pela primeira mãe de santo denominada de D. Esperança.

Conhecer a história dessa mulher pelas narrativas de antigos moradores, por textos jornalísticos e pela análise feita por alguns estudiosos acerca da cultura afro-brasileira em Porto Velho será a próxima etapa deste artigo.

UM PÉ NO TERREIRO E OUTRO NA IGREJA: Olhares sobre D. Esperança

Quando estávamos colhendo as entrevistas que originaram, em parte, a produção deste artigo, percebemos logo de imediato que D. Esperança quebrou, no início do século XX, inúmeros paradigmas. O primeiro deles se pode dizer que foi o de conseguir transitar entre a elite e o restante da população em sua maioria pobre. Quando se fala em elite elegemos aí os representantes do clero e das autoridades governamentais portovelhense. Entre os relatos de nossos entrevistados foram apresentadas as estreitas ligações mantidas entre D. Esperança e o bispo, além do chefe dos Correios, comerciantes e chefes políticos.



Dona Esperança Rita da Silva em enterro segurando ramo de ervas.

(FOTO: Acervo GEPIAA).

O segundo pode ser apresentado pelo fato de D. Esperança ser negra, analfabeta, pobre, filha de escravos, mãe de santo, moradora e espécie de liderança do Mocambo. Em um período onde a mulher ainda tem o signo da desclassificação a nossa mãe de santo em evidência desponta como presença marcante no cenário da cidade que ajudava a construir.

Por iniciativa de D. Esperança, nos diz Catanhede (1950) em sua obra denominada “Acheegas para a História de Porto Velho”, foi criada em 1914 a Irmandade Beneficente de Santa Bárbara.

Lembramos que a criação da Irmandade talvez nos traga a explicação para essa estrita ligação de D. Esperança com as elites. Pode-se aqui fazer um paralelo com o processo de proliferação de irmandades criadas nas áreas de mineração durante a fase colonial do Brasil onde se tem as irmandades complementando as funções do Estado e impondo a ordem e a disciplina através dos cultos desenvolvidos nos terreiros.

Além dos objetivos religiosos que naturalmente orientavam seu funcionamento, as irmandades mostrar-se-iam como um eficiente organismo na prestação de assistência material junto às populações pobres e despossuídas que as integravam. Tais propriedades, em uma sociedade marcada pela pobreza, eram garantias suficientes para sua expansão e difusão. (FIGUEIREDO, 1993).

Segundo Pimentel (2010), D. Esperança ao criar uma capela e um terreiro levava os adeptos dos cultos afro-brasileiros a manter um pé no terreiro e outro na capela que também foi construída em homenagem a Santa Bárbara. Esse fato demonstra o ecletismo religioso existente em Porto Velho no início do século XX.

“Durante esse período, Igreja Católica e “macumbeiros” alcançavam certo nível de convivência pacífica. Prova disso é a bênção dada pelo primeiro Bispo da Prelazia de Porto Velho, Dom Pedro Massa, a comunidade de Dona Esperança. É importante entender que o catolicismo era e ainda é a religião oficial do país e a fonte básica de legitimidade. Contudo, com a chegada do Bispo Dom João Baptista Costa em 1943, chega ao fim essa relação, pois o novo Bispo não mais aceita as práticas da Irmandade. É importante ressaltar que para esta situação, o pano de fundo é o desenvolvimento de Porto Velho, que aos poucos se torna alvo da Igreja Católica. Tem-se então o caso da Tomada da Santa. Através de ação judicial a comunidade de Santa Bárbara não pode mais manter sob seus cuidados o culto (catolicismo popular) na capela” (PIMENTEL, 2010, 16).

Em algumas narrativas ficou evidenciada a bondade de D. Esperança que amparava muita gente, adotou muitos filhos, ajudava nos enterros a aliviar as dores dos que ficavam. A estreita ligação com a elite local como é o caso de Aluísio Ferreira, primeiro governador do Território Federal do Guaporé, é recorrente nos depoimentos. É comum se escutar que durante a fase de eleições os candidatos procuravam a mãe de santo para uma consulta com orixás.

“Eu vim conhecer esse negócio de espiritismo em 45, quando me casei; foi meu primeiro casamento com o filho da Dona Esperança. Ela era uma pessoa muito dada com as pessoas. Não vou dizer educada porque ela não teve uma educação, aquela cultura, aquela educação, era filha de escravos. E ela não teve cultura, não teve estudos, era analfabeta, mas era uma pessoa dada com todo mundo, muito carinhosa com as pessoas, criava filhos dos outros, no terreiro dela ela tinha muita gente, muita gente mesmo, ela tinha no terreiro dela, tinha um pessoal que gostava muito dela” (Depoimento de Ângela Gittens Velasco em Setembro de 2009).

Desde que chegou a Porto Velho por volta de 1911, D. Esperança foi reconhecida como uma grande mulher pela ajuda que prestava a todo aquele que batesse a sua porta. Dava acolhida a fugitivos, prostitutas, seringueiros e a muitos outros que era tipos marginalizados. Lima (2001, p.131) em um trecho da entrevista concedida por seu Nozinho, um dos filhos de criação de D. Esperança enfatiza a caridade praticada pela mãe de santo:

“Ela vivia lá o seguinte: ela vivia por meio de praticar a caridade num é? Chegava um, precisando duma roupa, ela pegava mandava pegar um pano, lá no Abidon, que era pai do Dr. Jacob, médico. Aí, mandava lá ele...mandava aquela roupa, aí dava àquela pessoa e, aquela pessoa às vezes tinha casa, né? Ela ajudava a fazer aquela casa, botava aquela pessoa naquela casa: mandava fazer fogão – antigamente o fogão era de barro, à lenha, dava duas panelas, três ou dois pratos. Era assim que a velha fazia. Mamãe era muito caridosa”.

Porém, D. Esperança nem sempre é lembrada de modo tão positivo por outros moradores de Porto Velho. O medo do feitiço enaltecido, sobretudo, após o episódio do desaparecimento do Tenente Fernando e, também, pelo apelo feito pelos representantes da Igreja Católica com a chegada do Bispo Dom João Baptista Costa em 1943, que contrário as práticas da Irmandade retira a imagem de Santa Bárbara da capela, incita os católicos a não irem aos festejos no barracão e solicita as autoridades policiais a tomar providências.

O divertimento praticado pelo batuque advindo do Santa Bárbara agora se tornava para alguns uma abominável diversão associada a práticas demoníacas. O

desconhecido aos olhos da Igreja local deveria ser perseguido e combatido. O ato de curar, fazer adivinhações, ajudar os marginalizados ou os mundiças levaram D. Esperança a ser perseguida até abandonar a cidade e ir morar em Belém, só retornando a Porto Velho quando as coisas acalmaram como atestou dona Ângela em entrevista concedida a Pimentel (2010, p. 23):

“Do tempo que deu esse negócio do Tenente Fernando ela foi embora pra Belém, mas não montou terreiro em Belém não. Depois quando acalmaram as coisas ela voltou de novo. Ela tinha muita amizade, que naquele tempo era o Governador Aluizio Ferreira, ele apoiava muito ela, não saía da casa dela, era todos os dias na casa dela. Então o pessoal atribuiu que tinha sido ela e Aluizio Ferreira que tinham dado sumiço no Tenente Fernando. Isso repercutiu muito em todo o Brasil, e no estrangeiro também”.

Além disso, devemos aqui ressaltar que os atos de feitiçaria desde Brasil Colônia estiveram associados aos negros. Sendo D. Esperança negra, filha de escravos e mãe de santo não é difícil se associar sua imagem ao de feiticeira. Como ela tinha o dom da vidência alguns relatos apontam que com a utilização de uma chave e de um livro que ninguém sabe ao certo o que continha, mas que alguns atribuíam a um livro demoníaco uma vez que ele garantia as respostas aos aflitos. Pessoas que viveram nesse tempo, como D. Ângela, afirma ser este livro um tipo de livro missal, daqueles utilizados em missas para a liturgia, de capa na cor preta, mas de um poder imbatível.

Devemos aqui lembrar que é do Mocambo que surge o primeiro processo de feitiçaria atribuída à ré Josepha Correia, conhecida por Zefa Cebola, que foi acusada de feitiçaria por cortar uma cebola em forma de cruz e colocá-la nas axilas de um homem, supostamente assassinado a mando de sua esposa.

Assim cabia ao Estado e à Igreja punir os transgressores envolvidos com o batuque e com os atos de feitiçaria. Manter a ordem em uma cidade cuja marca era a dualidade não era uma tarefa tão simples. E não foi tão simples.

Os relatos orais e os trabalhos desenvolvidos sobre os cultos afro-brasileiros em Porto Velho demonstram que mesmo diante de toda a acusação e mesmo após a sua morte, D. Esperança continua vivendo na memória da maior parte dos moradores antigos e nas lembranças de seus seguidores no que é tocante ao culto afro-brasileiro desenvolvido na cidade. Mesmo sendo hostilizada pela sociedade portovelhense após o episódio do tenente, pode-se perceber que o mito de D.

Esperança sobrevive e comprova que religião e magia caminham juntas e que os batuques continuam ainda estreitar laços de solidariedade entre os diferentes.

NOTAS

ⁱ Docente Mestre do Departamento de História e Arqueologia da Universidade Federal de Rondônia. Pesquisadora do GEPIAA – Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares Afro Amazônicos.

ⁱⁱ Discente do Curso de História da Universidade Federal de Rondônia. Pesquisadora do GEPIAA e pesquisadora de Iniciação Científica do CNPq.

ⁱⁱⁱ A pajelança é um conjunto ritualístico de cura que utiliza métodos estranhos à medicina oficial. Também sinônimo de benzedura, arte de curar ou a prática dos curandeiros ou pajés.

^{iv} Termo usado para designar os trabalhadores da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

^v Termo usado para designar o restante da população o restante da população não pertencente ao quadro de funcionários da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

BIBLIOGRAFIA:

BARROS, José D' Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007

CANTANHEDE, Antônio. **Achegas para a História de Porto Velho**. Manaus, 1950.

FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. (Org). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FIGUEIREDO, Luciano. **O Averso da Memória – Cotidiano e Trabalho da Mulher em Minas Gerais no Século XVIII**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

<http://www.paginapublica.com/imprimir.asp?cd=7021> – Página Pública.Com – **Entrevista com Raimundo Marinho Feitosa**. – Consulta feita em 15/04/2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.

LIMA, Marta Valéria de. **Barracão de Santa Bárbara em Porto Velho – RO: Mudanças e Transformações das Práticas Rituais**. Volume 1. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2001.

NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno. **A Construção do Espaço Social em Porto Velho na Primeira Metade do Século XX: Um olhar através da fotografia**.

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008.

PIMENTEL, Nábila Raiana Magno. In: **Projeto Populações Afro-Amazônicas de Rondônia**. Dona Esperança Rita da Silva – Uma mãe de santo na Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Relatório Parcial PIBIC/CNPq. Porto Velho: UNIR, 2010.